

BRASIL

Ele ainda tem chance?

Alckmin precisa conquistar 120 mil votos por dia para evitar a vitória de Lula no primeiro turno – e o tempo está passando

LEANDRO LOYOLA
E ANDREI MEIRELES

No dia 5 de julho começará oficialmente a campanha eleitoral. Pelas pesquisas mais recentes, o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, tem 28% dos votos válidos, contra 59% do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na prática, isso significa que ele precisará conquistar 120 mil votos por dia se quiser evitar a vitória de Lula no primeiro turno. Do jeito como andam as coisas, até para muitos aliados isso parece uma missão impossível. Alckmin ainda tem alguma chance de ser algo mais que um figurante nas eleições presidenciais?

Até aqui, não existe, a rigor, surpresa em nada que diga respeito à candidatura de Alckmin. O PSDB encontrou nele uma espécie de candidato de emergência quando, para perplexidade quase geral, se viu em pesquisas no início de 2006 que Lula tinha chances extraordinárias de um segundo mandato. No fim do ano passado, depois do escândalo do mensalão, o presidente Lula era considerado politicamente morto. Imaginava-se que ele caminhará pateticamente

até o final de seu mandato, entre insultos e acusações de corrupção. Nesse cenário, o PSDB já tinha seu nome: José Serra, então prefeito de São Paulo.

Só que as pesquisas não bateram com a percepção geral. Cristalizado o favoritismo de Lula, o PSDB teve de se armar. Para poupar Serra de uma derrota quase certa, o partido deu um jeito de convencê-lo a tentar, aliás com enormes chances, o governo de São Paulo. Foi assim que Alckmin venceu a disputa pela candidatura à Presidência. Ele tinha muito pouco a perder: já estava no final de seu mandato de governador de São Paulo. E no mínimo ganharia notoriedade nacional – ele que sempre foi uma figura regional – com a candidatura.

O que está acontecendo é exatamente a

materialização de um roteiro iniciado quando se viu que Lula não era um cadáver político. Alguma novidade? Não. A não ser porque se acreditou, em determinados momentos, que Alckmin poderia ser mais do que a realidade está demonstrando que é. Sua chance, diziam muitos analistas, era atacar Lula em seus pontos fracos. O maior deles: o tímido crescimento econômico brasileiro diante de países emergentes, como China ou Índia. Caso Alckmin conseguisse transmitir a imagem de um novo Juscelino Kubitschek – presidente que ele próprio vê como modelo –, teria, segundo esses analistas, uma chance razoável de reduzir a dianteira de Lula nas pesquisas. Os partidários de Alckmin também afirmavam que era preciso esperar até a campanha começar para valer, com tempo de exposição na TV, para que o povo conhecesse melhor o candidato – e decidisse votar nele.

Muitos críticos de Alckmin – e gente do próprio partido – afirmam que, depois desse momento, ele e sua equipe cometeram muitos equívocos. Desconhecido no Norte e no Nordeste, Alckmin usou o 1º de maio, data em que poderia apa-

LONGE DE CASA

Alckmin vestido de vaqueiro no interior de Pernambuco. Ele ainda tem um desempenho fraco no Nordeste



IMPOSSÍVEL?

A partir de 5 de julho, Alckmin terá de tirar 10,2 milhões de votos de Lula (cerca de 120 mil por dia) para chegar ao 2º turno

HOJE**59%****28%**

Lula
60,5
milhões
de votos

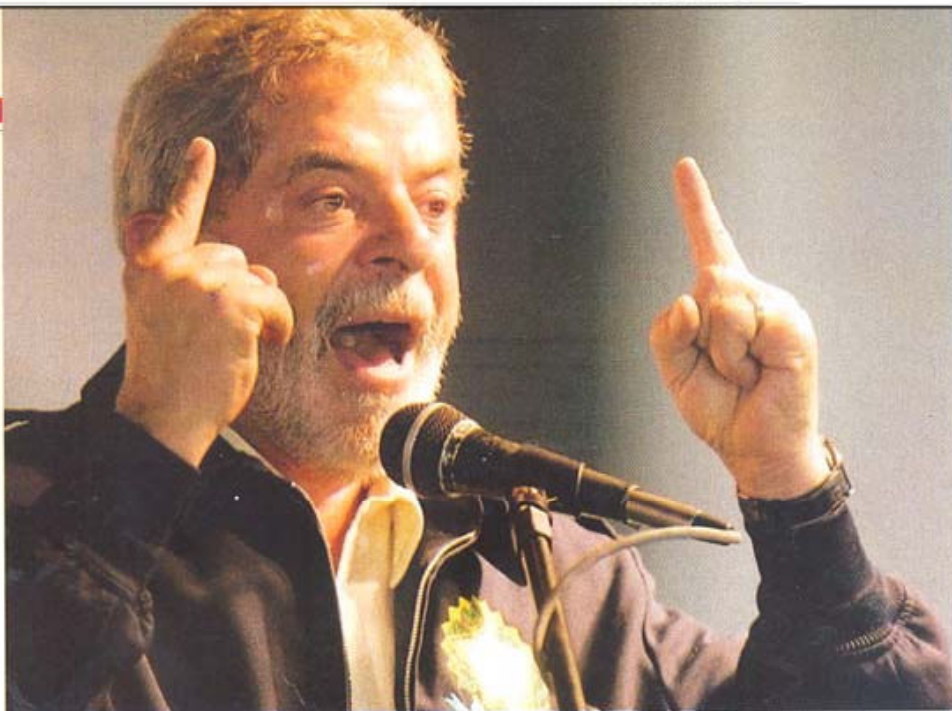
Alckmin
28,7
milhões
de votos*

**PARA HAVER
2º TURNO****49%****38%**

Lula
50,3
milhões
de votos

Alckmin
38,9
milhões
de votos*

* Votos válidos, de acordo com pesquisa do Instituto Vox Populi



CONFORTÁVEL Lula discursa em Santo André. Com aparições, viagens frequentes e erros dos tucanos, o presidente já lidera até mesmo no Estado de São Paulo

recer na TV diante de uma multidão, para comparecer a uma reunião no Ceará com apenas 17 pessoas. Na Paraíba, participou de uma micareta em que ninguém sabia quem ele era. Seus aliados afirmam também que ele perdeu a chance de fustigar o presidente Lula na crise do gás boliviano. E, finalmente, Alckmin sofreu um grande impacto em sua imagem pela onda de ataques criminosos do Primeiro Comando da Capital, o PCC, em seu reduto eleitoral – São Paulo. Resultado: de acordo com as últimas pesquisas do Ibope, Lula ultrapassou Alckmin no maior Colégio Eleitoral do país, o Estado de São Paulo.

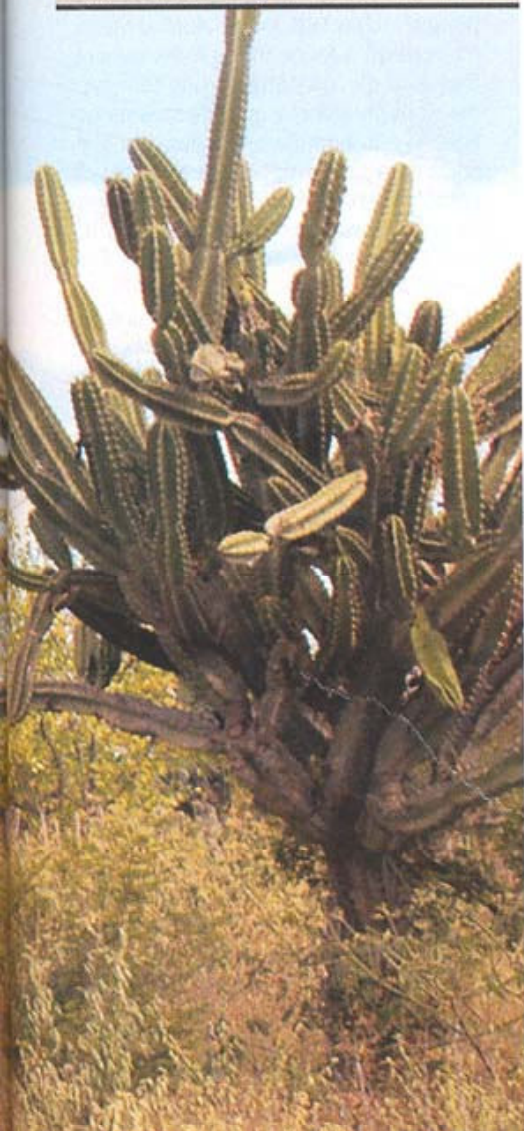
Em um jantar reservado com empresários na semana passada, o deputado estadual do PSDB Édson Aparecido, braço direito de Alckmin, foi questionado com veemência sobre a postura do candidato. "Quando ele vai bater no Lula?", "Por que não falou da história do gás?", "Por que não apareceu no dia do PCC?", foram algumas frases ouvidas. A falta de carisma de Alckmin tem sido apontada como um fator negativo em seu desempenho na novela da eleição presidencial. Mas ainda uma vez: que surpresa existe aí? Alckmin tem numerosas virtudes como político: um homem sério, inteligente, com imagem de probo e bom gestor. Mas ele nunca eletrizou. Depois de outro encontro com empresários, um dos presentes nem conseguia se lembrar do que Alckmin havia dito. As palavras de um banqueiro sobre ele são enfáticas: "Alckmin precisa levar um choque elétrico".

A partir desta semana, Alckmin trocará parte da equipe de campanha em

busca de uma virada. O ex-presidente do PSDB, José Aníbal, passará a negociar alianças e a mobilizar o partido. O deputado estadual Aparecido cuidará da campanha em São Paulo. Nesta fase, em vez de insistir na campanha pelo Norte e Nordeste, Alckmin vai se concentrar nas regiões Sul e Sudeste, especialmente em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, onde está metade do eleitorado brasileiro. Norte e Nordeste, onde Lula parece imbatível, ficam para depois do início do horário eleitoral na TV.

A maior aposta dos tucanos continua sendo a televisão. Os primeiros comerciais do PSDB, exibidos na semana passada, mostraram uma imagem de Alckmin como realizador de obras, construtor de estradas, metrô e como um político preocupado com o lado social. As peças terminam com o slogan: "Geraldo Alckmin, para o Brasil melhorar". Em vez de hostilizar Lula, a estratégia é convencer o eleitorado de que Alckmin é mais preparado e, portanto, seria capaz de ir além do que Lula fez até agora. Se houver pancadas no presidente, elas ficarão, segundo gente próxima à campanha, para depois de 15 de agosto, quando começa o horário eleitoral na TV. "Se ele partisse para a briga com o Lula, seria massacrado", afirma o cientista político Bolívar Lamounier, ligado ao PSDB. "Ele não tem o mesmo espaço do presidente na mídia."

Outro recurso que Alckmin pretende adotar é tentar se associar a tucanos mais conhecidos, como o governador de Minas, Aécio Neves, ou o ex-prefeito José Serra. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ajudou Alckmin a ▶



BRASIL



AJUDA FHC em evento em São Paulo. Ele ajudou no discurso de Alckmin

elaborar o discurso para a convenção do partido, no domingo 11, em Belo Horizonte. O evento foi organizado por Aécio Neves. José Serra, candidato do partido ao governo de São Paulo, reapareceu na quinta-feira 8 em uma viagem com Alckmin pelo interior de São Paulo. Mesmo assim, convencidos de que vencem as eleições em seus Estados, Serra e Aécio não têm feito muita força para ajudar Alckmin.

Até agora, os dois pareciam mais interessados na eleição de 2010 – para a qual, pelo que consta, ambos pleiteiam a candidatura no partido. Serra e Aécio parecem agir seguindo uma célebre frase do diplomata americano George Frost Kennan, estudioso de política externa e embaixador na União Soviética nos anos 50: “Todo governo tem um núcleo de pessoas dedicadas a seus projetos pessoais. Em segundo lugar, elas cuidam de seus projetos políticos. E, quando sobra espaço na agenda, se dedicam àquilo que o país gostaria que elas fizessem”.

A disputa entre Serra e Aécio tem funcionado como uma espécie de fogo amigo e enfraquece ainda mais a candidatura Alckmin. No Rio de Janeiro, cada um puxa a corda para um lado. Aécio diz que a melhor parceria é com o senador Sérgio Cabral, candidato do PMDB ao governo do Estado. Serra prefere manter a candidatura própria, do tucano Eduardo Paes. Fora do partido, Alckmin também enfrenta dificuldades para mobilizar os aliados. A amigos, o presidente do PSDB, Tasso Jereissati, tem reclamado do PFL. “Eles não estão nem aí para o Alckmin”, disse Tasso. O vice de Alckmin, o pefelista José Jorge, comentou com um colega que apenas ele, Tasso e o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, parecem se importar com a campanha.

Diante de tudo isso, não é muito difícil prever o desfecho desse roteiro. É ra-

ríssimo que um candidato à Presidência consiga dar uma grande virada nas pesquisas a apenas quatro meses das eleições. Na única vez em que isso aconteceu, em maio de 1994, Fernando Henrique tinha 16% das intenções de voto, e Lula liderava com 42%. O jogo foi virado em julho, graças ao Plano Real. Mas Alckmin não tem nenhum Plano Real na manga. Sem um trunfo tão poderoso, fica complicado repetir a façanha de FHC.

Lula, enquanto isso, tem passado a impressão de ser um daqueles personagens de filmes de terror como Jason ou Freddy Kruger. Ele é espancado, retalhado, afogado diariamente nos jornais com denúncias de corrupção, de inépcia no front externo e, mais recentemente, até com dúvidas sobre sua coerência na política econômica. Mas Lula parece sair a cada dia mais fortalecido. Sua base eleitoral, o público de baixa renda, teve ganhos reais expressivos nos rendimentos.

“A economia está indo bem, especialmente para os eleitores mais pobres, que formam a grande força eleitoral do presidente”, diz Mauro Paulino, diretor do instituto de pesquisas Datafolha. Segundo um estudo recente da Fundação Getúlio Vargas, o Brasil de baixa renda tem vivido um boom econômico semelhante ao da China ou da Índia, com um crescimento médio anual de 14% desde 2004. Para os mais pobres, é Lula – e não Alckmin – quem parece um Juscelino Kubitschek. Moral da história: a tendência é Alckmin ser derrotado por goleada. Mas voltemos uns meses para trás e observemos as condições em que ele foi escolhido pelo PSDB. Fica claro que, mesmo na mais que provável derrota, ele sairá vitorioso. ■



Mais sobre pesquisas eleitorais em www.epoca.com.br



Jurisprudência volátil

Vaivém nas regras do jogo fragiliza o TSE, juiz da eleição

A campanha nem começou, mas a eleição presidencial já tem um perdedor: o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Trata-se, justamente, de quem deveria ter força para arbitrar as duras disputas partidárias que virão. Mas, na semana passada, os ministros da corte cometeram um erro e, diante de enorme pressão dos partidos políticos, recuaram 48 horas depois.

Na terça-feira 6, a quatro meses da eleição, o tribunal provocou um terremoto com a resposta dada a uma consulta feita pelo Partido Liberal (PL) sobre a regra da verticalização. Desde a eleição de 2002, essa regra obriga os partidos a repetir nas disputas estaduais a mesma aliança feita para disputar a Presidência da República. Essa regra tinha balizado todas as alianças partidárias, da coligação entre PSDB e PFL à que une o PT ao PCdoB. Na consulta, porém, o presidente do TSE, Marco Aurélio Mello, interpretou a lei de modo mais radical. Segundo ele, os partidos que têm candidato a presidente ou estão numa coligação não poderiam se aliar, nas eleições estaduais, a partidos sem candidato. “Não há país democrático que mude as regras quatro meses antes da eleição”, diz o cientista político Fernando Abrúcio.

A decisão do TSE mobilizou a elite política nacional. O presidente do TSE, ministro Marco Aurélio Mello, recebeu a visita dos senadores Renan Calheiros (PMDB-AL), José Sarney (PMDB-AP) e Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Com o peso de quem preside ou já presidiu o Congresso Nacional, os três cobraram regras claras e reclamaram da inconveniência de mudar as regras com o jogo em andamento. Na quinta-feira,

o TSE reuniu-se novamente e voltou atrás. A justificativa dos ministros foi a necessidade de garantir a estabilidade jurídica do processo eleitoral. ■

ERRO E RECUE

Marco Aurélio, em sua posse no TSE. Mudança rápida após pressão de caciques partidários